

SOLO DE INCERTEZAS – OFICINA DE ESTUDOS TEATRAIS

Cultura

Coordenador da atividade: Andréia Regina BAZZO¹

Instituto Federal Catarinense (IFC-CAM)

Autores: Maria Clara dos Santos VITORINO²; Lucas MARUCCI³.

Resumo

A intenção desta oficina é reunir participantes que tenham interesse e disposição para a prática teatral. O foco do grupo é o processo de improviso e jogos teatrais resultando em um texto coletivo. As experiências e ações teatrais dentro desse projeto não têm uma metodologia psicológica, mas de fisicalização e estudo dos gestos, com as propostas de Jogos Teatrais de Viola Spolin (1989) e de ações físicas de Jacques Lecoq (2010). As temáticas que o grupo irá abordar, serão temas da contemporaneidade, como as questões micropolíticas, de gênero, diversidade e inclusão, nossas memórias, estimulando práticas que ampliem as vivências dos participantes, impulsionando o estudante para a pesquisa na linguagem cênica com exploração de temáticas contemporâneas. A avaliação dentro dos jogos teatrais não preconiza o erro ou acerto, mas comunica a intenção proposta com regras e resoluções de problemas de forma conjunta. A proposta de atuação dos participantes, a preocupação na ação teatral vai além de decorar um texto. É antes estar em cena compreendendo a ação teatral e sua densidade, pensando o corpo, a voz e o que se quer dizer. A ação é a relação com o teatro – do ator com o texto, com a dramatização, com a própria história narrada, com seu corpo e voz em atuação. Segundo Spolin (1989) a experiência com o teatro é envolver-se organicamente com ele, com o comprometimento intelectual, físico e intuitivo entre o grupo que está em constante processo de resoluções de problemas e de acordos para a atuação coletiva. Deste processo de resolução de problemas e de acordos, surgem os materiais das cenas e da peça. Em nossa encenação não temos a proposição de protagonistas, auxiliares e figurantes, a intenção é que todos tenham o mesmo espaço, a mesma oportunidade de fala, onde possam revelar alguma coisa sobre si na encenação.

Palavra-chave: teatro; jogos teatrais; improviso.

Introdução

¹ Andréia Regina Bazzo, servidor docente, Professora de Arte IFC.

² Maria Clara dos Santos Vitorino, aluna, Curso Técnico Integrado Hospedagem.

³ Lucas Marucci, aluno, Curso Técnico Controle Ambiental.

O teatro materializa-se no fazer, na ação teatral. Desta forma, a proposição da oficina Solo de Incertezas, é a ação teatral construída por meio das narrativas pessoais dos participantes da proposta vinculada ao estudo da prática teatral e suas intenções.

Um dos princípios desse projeto é pensar o quanto o processo teatral é importante dentro da escola e para a comunidade. Surge com o objetivo de aproximar os jogadores da linguagem teatral, para que o teatro seja uma forma de expressão das ideias, dos sentimentos e percepções dos atores.

A criação teatral torna-se fruto da articulação entre todos os envolvidos no processo: atuação, escrita, som, espaço, figurinos, direção. Na medida em que se dispõem à experimentação, os grupos vêm renovando as práticas teatrais; outros tipos de jogo são inventados, modalidades inéditas de vínculo entre a atuação e a escrita são instauradas, procedimentos inovadores de difusão de representação são formulados. O fulcro do fenômeno teatral, tal como é experimentado dentro dos coletivos, se desloca da encenação. O teatro transborda de suas margens até aqui consagradas: a reflexão sobre o processo de criação, a realização de oficinas, viagens, encontros, ensaios abertos, intervenções na comunidade amplia envergadura daquilo que a cena dá a conhecer (PUPO, 2011, p. 1).

Quando se escolhe trabalhar com adolescentes é importante entender que essa é uma fase de transformações constantes dentro das incertezas diárias de nossa atualidade, as ideias, o corpo, os grupos de pertencimento mudam a todo instante. É um momento de medos e de inseguranças. Fase de descobertas e de experimentações significativas quanto à sexualidade, na busca da liberdade e de encontros possíveis com verdades e escolhas que logo se mostram passageiras.

Ser adolescente é ser social e historicamente constituído:

A juventude como categoria social não apenas passou por várias metamorfoses na história da modernidade. Também é uma representação e uma situação social simbolizada e vivida com muita diversidade na realidade cotidiana, devido à sua combinação com outras situações sociais – como a de classe ou estrato social –, e devido também às diferenças culturais, nacionais e de localidade, bem como às distinções de etnia e de gênero. (GROPPO, 2000, p. 15)

As temáticas trabalhadas na oficina são voltadas para questões da atualidade presentes no cotidiano entendendo o teatro para além do decorar um texto, uma proposta de atividade coletiva de criação crítica e atrelada as vivências dos participantes. É antes estar em cena compreendendo a ação teatral e sua densidade, pensando o corpo, a voz e o que se quer dizer. A ação é a relação com o teatro – do ator com o texto, com a dramatização, com a própria história narrada, com seu corpo e voz em atuação.

Segundo Spolin (1989) a experiência com o teatro é envolver-se organicamente com ele, com o comprometimento intelectual, físico e intuitivo entre o grupo que está em constante processo de resoluções de problemas e de acordos para a atuação coletiva. Deste processo de resolução de problemas e de acordos, surgem os materiais das cenas e da peça.

Em nossa encenação não temos a proposição de protagonistas, auxiliares e figurantes, a intenção é que todos tenham o mesmo espaço, a mesma oportunidade de fala, onde possam revelar alguma coisa sobre si na encenação.

A encenação propõe o falar de si vinculada à possibilidade de transformação de práticas que marcaram a história desses adolescentes e o constituíram sujeitos, dispostos a mudanças de pensamentos enraizados sobre gênero, estética e pertencimento:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiências, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos de mutação. O trabalho sobre essa subjetividade singular e plural torna-se uma das prioridades na formação em geral e do trabalho de narração das histórias de vida em particular. (JOSSO, 2004, p. 414)

A oficina tem como objetivo geral possibilitar o estudo e a produção cênica ao darmos voz às narrativas desses atores, eles se tornam porta vozes de grupos sociais em uma criação autoral articulada por meio de improvisos e jogos teatrais.

Metodologia

A oficina segue a metodologia de Jogos Teatrais (Spolin, 1989). Viola Spolin sistematiza o processo de Jogos teatrais nos anos quarenta nos Estados Unidos. A primeira intenção foi de trabalhar com imigrantes que não tinham domínio da língua inglesa e, posteriormente, foi aplicado à prática a estudantes de teatro:

Os *jogos teatrais* são intencionalmente dirigidos para o outro. O processo em que se engajam os sujeitos que "jogam" se desenvolve a partir da ação improvisada e os papéis de cada jogador não são estabelecidos a priori mas emergem a partir das interações que ocorrem durante o jogo. A finalidade do processo é o desenvolvimento cultural e o crescimento pessoal dos jogadores através do

domínio e uso inter-ativo da *linguagem teatral*, sem nenhuma preocupação com resultados estéticos cênicos pré-concebidos ou artisticamente planejados e ensaiados. O princípio do *jogo teatral* é o mesmo da *improvisação teatral* e do *teatro improvisacional*, isto é, a comunicação que emerge a partir da criatividade e espontaneidade das interações entre sujeitos mediados pela linguagem teatral, que se encontram engajados na solução cênica de um problema de atuação. (JAPIASSÚ, 1998, p. 3)

O desafio proposto nesta prática é a resolução de um problema, que segundo Viola (1989, p. 19), “elimina a necessidade de o professor analisar, intelectualizar, dissecar o trabalho de um aluno com critérios pessoais”. A resolução do problema define quais os pontos a serem trabalhados e quais foram alcançados.

As problemáticas são elaboradas por meio de jogos utilizando três elementos dramáticos básicos: personagem (Quem?); cenário (Onde?) e ação ou atividade cênica (O que?). Neste processo de análise a plateia é essencial e sempre presente nos jogos:

O aluno da plateia não está ali sentado para ser entretido, ou para atacar ou proteger os jogadores. Para haver ajuda mútua, a avaliação deve versar sobre o que realmente foi comunicado, não sobre o que foi preenchido (tanto pelo jogador quanto pela plateia), não é uma interpretação pessoal sobre o que deveria ser feito. Isto acelera o processo, pois mantém a plateia ocupada assistindo não a uma peça ou a uma história, mas à solução de um problema (SPOLIN, 1989, p. 25).

É importante ressaltar que as atividades desenvolvidas com o Grupo Solo de Incertezas servem de laboratório para as futuras atividades com teatro dentro da sala de aula nas disciplinas de Arte e Sociologia. A prática teatral de grupo, em sala de aula, é fundamental para se pensar o que o teatro ensina.

A oficina será oferecida para 20 participantes, de 16 a 45 anos, em uma sala de aula com espaço livre de cadeiras e carteiras a aparelho ou caixa de som disponíveis. Tem duração de 4 horas.

Desenvolvimento e processos avaliativos

Com o olhar da Pedagogia do Teatro (Jacques Lecoq, 2010) a proposta é movimentar o espaço acadêmico com questões culturais e sociais, de maneira a vivenciar e refletir sobre temas da contemporaneidade, questionando convenções e investigando discursos dominantes presentes na cultura contemporânea, com intenção de vivências com o sensível, da pluralidade e das narrativas abordadas e debatidas no ambiente escolar.

As temáticas tratadas na oficina de teatro irão abordar as questões micropolíticas, de gênero, diversidade e inclusão, nossas memórias, estimulando práticas de improviso que

ampliem as vivências e as discussões dos participantes para a construção de uma dramaturgia coletiva, impulsionando para a pesquisa na linguagem cênica com exploração de temáticas contemporâneas.

A avaliação será feita pelos diálogos posteriores as apresentações com foco na resolução dos problemas propostos pelos jogos e improvisos.

Considerações Finais

Qual o espaço e o lugar do teatro na escola? Como inserir o teatro em nossa comunidade? Falar de teatro para nós é falar do intervalo de tempo entre uma aula e outra, é falar de ocupar espaços que não são destinados à ele. A Arte em um espaço formal, mas, com a informalidade intrínseca de um grupo de pessoas que quer falar e fazer teatro.

Em nossa oficina – Solo de Incertezas – um nome apropriado às transgressões que a Arte promove no espaço e tempo da educação queremos propor um grupo que sente vontade de pesquisar possibilidades com o teatro, seu corpo, sua voz e a descoberta de encenar suas próprias narrativas. É um tempo de papear, de improvisar, de discutir, um tempo de experiencição cênica. O objetivo dessa ação cênica é darmos materialidade as narrativas cotidianas desafiadoras e por vezes angustiantes por meio de um processo de criação cênica com os participantes.

Como resultado deste processo de descoberta cênica, temos a intenção de construir o texto, o corpo e as cenas de maneira coletiva. Uma forma de ação teatral voltada para o trabalho em grupo, onde o que se fortalece são as improvisações que dão vida ao resultado final.

O teatro mobiliza o sujeito a falar sobre si e sobre o outro, expor-se com coragem e determinação, sem preocupações a priori sobre o erro. O processo é ainda mais rico que o resultado observado pela plateia.

Referências

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude:** Ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

JAPIASSU, Ricardo. Jogos Teatrais na escola pública. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 81-97, jul.-dez. 1998.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LECOQ, Jacques. O corpo poético. São Paulo: Senac, 2010.

PUPO, M. L. S. B. **Processos contemporâneos de criação teatral e pedagogia**. In: V CONGRESSO DA ABRACE: CRIAÇÃO ARTÍSTICA E REFLEXÃO CRÍTICA, 2011, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], V Congresso da ABRACE: Criação Artística e Reflexão Crítica, 2011.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo, Perspectiva, 1989. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos.